

Manuel Ralha

página 1

# Azul meia-noite

Textos poéticos

“O homem é a criatura que não pode sair de si,  
que só conhece os outros em si, e, dizendo o  
contrário, mente.”

Marcel Proust (1871-1922)  
Em busca do tempo perdido  
A Fugitiva [1925]

## Índice

Prefácio .....	5
Tecnoviglia (*) .....	7
Nunca se erguerá! .....	8
Trajectória .....	5
Memória doce instante .....	10
Chopin, Estudos Opus 10 No. 3 E Maior: Lento, Ma Non Troppo (*) .....	11
Contemplação (*) .....	12
Incompleto .....	13
Adágio déjà-vu (*) .....	14
Criação .....	15
Outro lugar .....	16
Infância .....	17
Argonauta perdido (*) .....	18
Motim (*) .....	20
Novo tempo (*) .....	21
Lusus filius (*) .....	22
Ciberindução: a info-utopia (*) .....	23
Canção de espertar .....	24
Mistério preservado .....	25
Onde Wittgenstein emudece .....	26
Acuidade subjectiva .....	27
Lentamente .....	28
Luz Humana .....	29
Num ápice (*) .....	30
Eminentemente (*) .....	31
Estereótipo (*) .....	32
Bonifrate .....	33
Estranha recorrência (*) .....	34
Mais que um rosto (*) (quatro quadras irregulares, jactantes mas ternas).....	35
O jogo dos “onze lapsos” .....	36
Ctrl Alt Del (*) .....	37
Estrela cadente (*) .....	39
Acasos intrínsecos (*) .....	40
TecnoExaustão (*) .....	41
Weblog .....	42
Mefistofélico voyeur (*) .....	44
Lengalenga dos outros de nós .....	46
Modinha da perdição (*) .....	47
1bigo de 7 mega (10^6) pixéis (*) (Quadra ao gosto popular) .....	48
Reconhecimento volatilizado (*) .....	49
Breve praia .....	50
Anima II (*) .....	51
Que amor? .....	52
Pausa .....	53
Haiku (*) .....	54

A Jorge Luís Borges (*) .....	55
Real .....	56
O Poliedro de Descartes (*) .....	57
Mística forma (*) .....	58
Crença .....	59
Caprichos do tempo (*) .....	60
Tempus incognitum (*) .....	61
Dia único certo amanhã (*) .....	64
Axioma (*) .....	65
Instante .....	66
Para além deste sempre-agora .....	67
Rio antigo (*) .....	68
Tempo no presente (*) .....	69
Uma cor .....	70
Partida .....	71
Nostalgia .....	72
Dealbar (*) .....	73
Al-Buahar (Castelo do mar) (*) .....	74
Memória de fim de tarde .....	75
Mass media .....	76
Antropocêntrico (Oito quintetos doutrinários) (*) .....	77
Bater de asas (*) .....	78
Coragem! .....	79
Humana Clausura .....	80
Certeza nenhuma .....	81
Ideal (*) .....	82
Imponderável ente (*) .....	83

(\*) vide Prefácio

## Prefácio

Constitui este livro uma escolha de textos poéticos produzidos ao longo de cerca de seis anos, mais exactamente de 2004 a 2009. Espalhados que estavam por vários blogues onde foram lançados – sob diversos nomes inventados – e também por cadernos pessoais, os textos apresentam-se agora coligidos e agrupados. Embora todos correspondam a datas bem precisas, optou-se por uma disposição dos textos essencialmente temática, já que desse modo se privilegiam a harmonização e a facilidade da leitura, ao mesmo tempo que aparecem com certeza realçados os objectos que mais interessam ao autor. Como será facilmente compreensível, dada a natureza da escrita, nem a divisão por temas nem as respectivas transições se poderão encarar de forma rígida ou sequer objectiva.

Acontece que, depois de realizada a selecção e tendo presente que a partir da sua publicação os textos passariam a ter uma assinatura genuína e um carácter definitivo, revelou-se de todo impossível para o autor não se deixar envolver em sucessivas correcções que tais comprometimentos tornaram, na sua opinião, imprescindíveis. Assim, mesmo aceitando que os textos possam ter perdido, em relação aos originais, uma certa espontaneidade e desconstracção, terão ganho, sem qualquer sombra de dúvida, não só em correcção gramatical como ainda na precisão das adequações semânticas aos intuitos específicos em causa. Esta explicação reveste-se de elevada importância, uma vez que o leitor que porventura viesse a encontrar inadvertidamente (em particular na Internet) uma outra versão de algum dos textos constantes neste livro iria de certeza ficar bastante confuso. Feita que fica a advertência, razão maior do presente prefácio, poder-se-á também tranquilizar os leitores mais exigentes pois as transformações operadas, embora algo profundas em alguns casos, não chegarão para eliminar os indícios bem patentes e inequívocos da sua proveniência.

Quanto à diferenciação entre os textos lançados em blogues e os textos inteiramente inéditos recolhidos em cadernos pessoais, atrás referidos, ela está acessível no Índice, sendo aqueles assinalados com o sinal (\*) à frente do título de cada texto. Assim, o leitor poderá distinguir claramente os textos que foram repescados na Internet dos que se apresentam pela primeira vez.

Sublinhe-se que as explicações aqui apresentadas são menos uma preocupação com as correcções realizadas que fruto do gosto pelo rigor. Pois, para além da sua indiscutível legitimidade, esse trabalho, que se tornou condição sine qua non para a publicação dos textos em suporte formal, foi paulatinamente executado durante o último ano e meio com um único fim em vista: o aperfeiçoamento, tão eficaz quanto possível das composições previamente existentes. Porém, como é evidente, do seu efeito final só o leitor poderá deveras ajuizar.

Manuel Ralha  
17Maio2011



## *Tecnovigília*

Repousa  
em expectante sossego  
o teclado  
mudo

Longamente  
se detêm os olhos  
nas teclas que o pensamento  
extingue

Permanecem  
atentos os fotões  
iluminando a noite  
silenciosa

Indiferente  
a casa dorme  
em placidez  
petrificada

Só os electrões  
(todos)  
estão realmente  
despertos

...

De repente  
a ideia emerge

Hesitantes  
as teclas surdinam  
e surgem as palavras

Animados  
os fotões se combinam  
instantaneamente

Alegram-se já de ritmos  
e signos e discursos  
se encadeiam

...

Vagueia o tempo  
que se perde  
com prazer

A casa acordou

Nunca se erguerá!

Ainda há pouco  
A noite não tinha fim,  
E já a manhã  
Vai tudo colorindo.

Cada vez mais...  
Cada vez mais...

Quando amanhecerá,  
Deste dia e noite sucessivos,  
Para que nasça o sentido?

Ainda há pouco  
A noite tudo esclarecia,  
E já a manhã vai  
Tudo escurecendo.

Cada vez mais...  
Cada vez mais...

Serena é a madrugada  
Da noite branca  
Quando se ilumina  
De sumida realidade.

O dia claro  
Quando nascerá?

Teima Érebo eterno:  
Tal dia humano  
Nunca se erguerá!



## Trajectória

De todas as possibilidades infinitas  
De acontecer  
Só uma nos acontece.

E o que não nos acontece, também nos acontece. As possibilidades do  
Caminho acontecer estão em cada passo anterior. Apenas uma se cumpre.

Assim, acontecer não é senão ser.  
E não acontecer é também ser.

Moramos na memória que tudo guarda  
Mas sabemos só o pouco que nos devolve.

Memória doce instante

Lembrança breve  
Outra dormida lenda  
Mesmo antigo mar  
Azul meia-noite

O tempo demorou

Ritmado marulhar  
Esmorecem cores  
Anoitece devagar  
Trémulas minhas mãos

O casario alumiou

Lua alvo brilho  
Abóbada enigma  
Brisa quase quente  
Ondulantes teus cabelos

O beijo calhou

Ápice desenlace  
Anseio revelado  
Estrela luz genuína  
Memória doce instante

O desejo originou

Pertencemos a outrora  
A hoje e sempre  
A uma eterna  
Chama silente

Chopin, Estudos Opus 10 No. 3  
E Maior: Lento, Ma Non Troppo

Ainda há pouco, na mais efémera manhã, lias no sofá ao canto.  
De quando em quando levantavas meigamente os olhos para os meus e era como se disseses que lias só porque o livro te falava de mim.

Agora nem sofá que te recorde.  
Apenas o canto nu que me olha como se dissesse que o tempo e a memória evocam, ignoram e às vezes também amargam.

Ainda há pouco, na mais efémera manhã, havia um livro pousado no sofá ao canto.  
O teu corpo nu viajava, de cá para lá na sala, afrontando a realidade. Debruçavas-te sobre o sofá, tomavas o livro e lias em voz alta uma das minhas mais belas manhãs. De quando em quando, fugazmente, erguias do texto os teus olhos para os meus e era como se disseses que aquela manhã eras tu.

Agora nem livro que te recorde.  
Nem tempo, nem memória. Nem sofá, nem canto, nem sala; já ninguém mora aqui. Apenas a mais efémera manhã que se eterniza e chora.

## Contemplação

Há um minucioso labirinto  
num caderno estafado  
pelo tempo desmedido  
à espera da conjunção  
que o faça resolvido

Há uma manhã distante  
que o porvir já tem a hora  
achará esse velho caderno  
e bastará teu olhar obstinado  
para que o incrível labirinto  
se mostre enfim determinado  
como se esse dédalo obscuro  
até então por decifrar  
só por ti houvesse esperado

Há uma imensa plenitude  
Não irá jamais terminar  
De que enigma brotará?  
Se poderás tu porfiar!

## Incompleto

Saltam memórias inquietas  
Para dentro da tarde  
Um tanto entristecida

Pedaços já difusos  
Fundem-se a outras  
Tantas lembranças

O real perdeu-se  
Por entre histórias  
Todas elas truncadas

Faltam trechos tantos  
Fatalmente ausentes  
A memória os negou

Nas estilhas libertadas  
Para dentro da tarde  
Capitulando nostálgica

Remanesce clara  
A certeza de não se ser  
Senão incompleto

Adágio déjà-vu

Que importa  
Que nos agitem mundos obscuros sem fim  
Se o mundo todo serena aqui

Que importa  
Se a palpável verdade da tua pele cetim  
Segreda todo o universo em ti

Que importa  
Que nos bradem loucas paixões eternas  
Se toda a ternura se cala aqui

Que importa  
Se teu corpo absoluto narra o tempo único  
Que benevolente nos sorri

Que importa!

## Criação

Brotam as ideias  
Num dia límpido  
Nascido assim

Incontáveis partículas  
Gravitam frenéticas  
Em torno da tarde

Pontos de luz  
Vão descendo  
Vagarosamente  
Ao sol-pôr  
E sorriem ao cair  
Mesmo antes de pousar

As flores irrompem  
Com alegria e cor

Dentro em breve  
A noite colherá  
Seu fruto

Outro lugar

Já o homem perdeu sua presunção  
Julgando-se natureza também  
Caminha airoso  
Sem altivez  
Sorri

Já a cidade perdeu sua ambição  
Julgando-se natureza também  
Acolhe afável  
Sem afogo  
Sorri

Já o tempo perdeu sofreguidão  
Julgando-se natureza também  
Avança ritmado  
Sem ânsia  
Sorri

Já o eu perdeu sua simulação  
Julgando-se natureza também  
Passeia cândido  
Sem aflição  
Sorri



## Infância

E de repente são as imagens da infância.  
Indistintas. Ao longe...  
Agora tão perto. Inconfundivelmente.  
Nessa ponte instável o presente não reconhece aquele  
outro que fomos nós.  
E é quase trágico não discernir a viagem para o agora.  
Sobrevém uma sensação de perda irremediável.  
Nostálgica.  
Surge inevitável o pensamento: quantos nascem e  
morrem em nós? Quem é este sobrevivente?  
Sobra sempre desse sobressalto uma mescla de  
estranheza e de ternura!

## Argonauta perdido

Lembro  
uma espécie de turbante  
um olhar longínquo  
um sonho delirante  
uma lousa  
um estrado  
o corpo tiritante

Lembro  
o esquadro  
o compasso a girar  
um dito sábio  
um mapa-múndi  
o astrolábio  
o vozeirão do mar

Lembro  
uma mensagem  
vasto é o mundo  
uma rota a tecer  
um homem num cais  
um ente profundo  
Mostrando o ser

Lembro  
a cobiça danosa  
a ignara crueldade  
a leviana glória  
a peleja forçosa  
a brutal usura  
Toda a história

Lembro  
o crioulo sorridente  
os amores das ilhas  
a saudação do Oriente  
o mapa então errado  
os olhos a arder febris  
o globo já tomado

(cont./...

.../cont.)

Lembro  
a argonáutica remota  
o saber que restou  
viciado e insípido  
enfim encoberto  
diz-se que hibernou  
em dia incerto

Lembro  
quando tu Luso  
após uma noite mágica  
de novo imaginaste  
que a tua aventura  
não havia de ser trágica  
mas tão vera quanto bela

Lembro  
ainda a insigne caravela  
os heróis do mar e tua glória  
porém hoje sou perplexo  
aqui neste triste penar  
nestas brumas da memória  
por ti já não sei cantar

## Motim

Terá sido isto o que sonhámos?  
São estes os dias do nosso mais antigo e puro desígnio?

Para além da soleira o implacável convite à disputa sistematizada,  
No caminho frenético o labor para a garantida iniquidade.

Será esta a sequência do árduo soletrar da nossa infância?  
É esta astúcia permanente o carácter da nossa essência?

Na multidão o pestilento apelo a todos os enganos...  
No dever sobrevivente a purulência das nossas expectativas infectadas.

Terá sido isto o que sonhámos?  
São estes os dias para intentarmos firmes vontades?

Vem! Aprendamos a ancestral serenidade dos gestos abnegados,  
Neguemos a fatalidade impostora, torpe e exaurida.  
Cultivemos as palavras sinceras que singelamente hão-de florir.  
Inventemos um devir!

## Novo tempo

Quando finalmente vieres  
sem que dêes algum sinal da tua presença  
entenderei bem tua chegada

Porque nesse instante eu sei  
o tempo se quedará até que te pertença  
e romperá distinta a madrugada  
em que sem te ver te sentirei

E assim que a desejada calma prevaleça  
hei-de inspirar bem fundo o novo dia  
e deixar-me aos poucos renascer  
até que a vida me aconteça

*Lusus filius*

Sejas bela ou sejas monstro  
Tirana, ingénua ou lenda vã  
Pelo imenso que já foste  
    Que te admiro  
Pelo muito que não és  
    Que te soffro  
Por tudo que me deste  
    Que o sou  
Por tanto que me negaste  
    Que te sonhei  
Pela palavra que há-de restar  
    Que me liberta  
Como negar que te pertenço!

*Ciberindução: a info-utopia*

Hoje lançamos o nosso  
mais dilecto e puro ideal  
em infalíveis algoritmos  
ao internáutico caos digital

Hoje revelamos o nosso  
mais caro e íntimo anseio  
em códigos sofisticados  
à difusa infoentropia global

Hoje entregamos o nosso  
gesto mais nobre e genial  
aos engenhos electrónicos  
da mágica geometria fractal

Ah fosse já hoje o amanhã  
que há-de recolher os nossos  
mais dilectos e puros ideais  
que há-de estimar os nossos  
mais caros e íntimos anseios  
que há-de dispor dos nossos  
gestos mais nobres e geniais

Fosse já hoje esse amanhã  
que há-de transmutar  
o caos em desígnio geral  
que há-de enfim erigir  
a bonomia de empatizar  
de agir de ânimo natural  
de desfrutar sem possuir

Fosse já hoje esse amanhã  
E dos meios não mais dispersos  
Brotariam conexas as vontades  
Plenas dos gáudios mais excelsos

Canção de espertar

Agora que o futuro começa  
Abramos os braços ao dia  
Invocando a luz autêntica,  
Assobiando a tal melodia...

Evitemos essas paixões  
Que só nos deram ira,  
Pensemos simples razões  
Sem tolerar a hipocrisia.

Agora, ora mesmo atiremos  
A precisa pedra ao charco;  
Acordemos toda a memória,  
Pensemos a nossa história.

Naveguemos, oh sim, naveguemos!

Velejemos a genuína glória  
Do longe para lá do agora.  
Não mais a rota que tropeça,  
Agora que o futuro começa.



## Mistério preservado

As palavras usadas  
Batem nas portadas  
Irrefletidas e pesadas  
Cumpram seus destinos  
Abatem tristezas e alegrias  
Assobiam nas esquinas  
Entoam ufanos hinos  
Embriagam-se de utopias  
Visitam gênios e tolos  
Caem no ridículo  
Erguem-se com denodo

As palavras usadas  
Rodopiam caprichosas  
Seduzem falsos e probos  
Traem donzelas e casadas  
Requebram-se vaidosas  
Nutrem mil contendas  
Envolvem os escombros  
Gritam coléricas ofensas  
Discursam só de ouvido  
Entontecem duvidosas  
Perdem todo o sentido

As palavras usadas  
Tecem histórias infinitas  
Abraçam todo o tempo  
Mentem descaradas  
Ressoam nas vidraças  
Rebolam-se nas areias  
Adoram as desgraças  
Atiram-se das varandas  
Voam sobre as gentes  
Sofrem suas mágoas  
Afogam-se no mar

As palavras usadas  
Escorrem das fachadas  
Derretem-se lânguidas  
Despem-se perdidas  
Espreguiçam-se ao Sol  
Dão-se em nudez total  
Adormecem cansadas  
E sonham felizes  
Com silêncios sábios  
Despertam animadas  
E colhem um sorriso  
Nos carnudos lábios  
Do mistério preservado

### Onde Wittgenstein emudece

Cem vezes vi a “Menina à janela”. A irmã de Dali posa de costas. Cem vezes a admirei, rechonchuda, sonhadora, na calma azul que se desprende da tela. Cem vezes vislumbrei a paisagem que a entretém, imaginando-a mediterrânea. Do inesperado realismo do quadro, cem vezes entrevi outro Dali. E um encantamento qualquer, intenso, inexplicável, me fascinou cem vezes. Na absoluta simplicidade da pintura, cem vezes procurei uma mensagem encoberta, um toque surreal.

No dia em que por acaso te mostrei a afamada obra logo vi que a desconhecias: não era concebível que fosse Dali, expressaste. Mas gostaste. Bastante, pelo longo silêncio que os teus olhos exigiram. Acompanhei-te e mais uma vez observei a imagem.

De repente, o vestido da menina tem o mesmo padrão do cortinado da janela! Sim, de facto assim é. Como foi possível nunca ter reparado antes que o tecido era idêntico?

Não sei se me apercebi do pormenor no mesmo instante que tu...

Acuidade subjectiva

Há dias assim  
Caleidoscópicos  
Mágicos  
Lógicos  
Transparentes

Causas e efeitos se revelam  
Encadeamentos tão certos  
Que se afiguram evidentes

Tão fluidos e hialinos  
Se sucedem os pensamentos  
E tão ágeis se afirmam  
Como leves se desfazem

E fossemos pássaros  
Não voariamos mais alto

Há dias assim

Lentamente

Transformamo-nos lentamente  
Tão lentamente nos mudamos  
Que só de repente notamos  
Que fomos o que já não somos

Antigo e hodierno  
Lento o tempo moldou  
Transfigurando tudo

De súbito os dias, os anos são mais curtos. O Inverno  
está mais frio. Agigantaram-se as árvores que restam no jardim. Encharcado de  
automóveis, o bairro se fez, lentamente, exíguo, impossível...

E sobejou este presente  
A acontecer turvo  
Insistente a dissipar  
O que fosse acreditar

Lentamente

Luz humana

Abre-se a manhã  
Ao dia incerto  
Que pairará sobre  
A cidade frenética

De gestos automáticos  
A turba de tropel insano  
De lés a lés itera passos  
Os rostos sorumbáticos

Na luz que desmaia  
Na palidez geométrica  
Nos vultos sombrios  
É a tarde que cai

No fastio do ocaso  
Os seres são lassos  
As formas indistintas  
Opacos os destinos  
As consciências extintas

Todavia a noite é certa  
E a luz é humana

Num ápice

Quando vagueou,  
o olhar que percorreu todos os espaços,  
o ruído tumultuoso  
era negro,  
e eram infames todas as crenças.

Quando se quedou,  
o olhar que percorreu todos os símbolos,  
o silêncio compenetrado  
era branco,  
e eram belas todas as verdades.

Depois adormeceu frouxo  
e sonhou homens e vidas.  
Quando acordou velho  
era um animal semi-morto  
sem ninguém para invocar.

Quando se vitrificou  
o olhar que renunciara julgar todas as coisas,  
a luz resplandecia,  
estava cego,  
e era um novo tempo que nascia.

## Eminentemente

Naquele fugaz instante  
Em que talvez tenhamos vivido  
Simulámos todos um ente  
Esquecemos quem fomos  
Perdemos quem podíamos ser  
E nunca mais o seremos  
Todos o sabemos

## Estereótipo

Não sei de que estratégia porventura saíste quando me encontraste distraído, caminhando na margem. Sei que te estranhei, talvez por outros enredos, mas depressa me fascinaste violentamente.

Pensei que eras tu a exaltação que há tanto tempo o meu remanso receava. Logo constatei que me entendias como um farrapo errante lançado à margem. Mas tanto me embeveci com os teus encantos que me transmutei para ser o ente que tu querias.

Converti-me então em alinhado, adquiri toda a informação, tornei-me conformado, exerci o embuste e a hipocrisia, alindei-me, pratiquei a perfídia, passei a andar endinheirado... Tudo o que implacavelmente me requereste eu consegui. Quando finalmente pensei que te podia seduzir, regressaste indiferente ao estereótipo de onde tinhas saído. Passaste a oferecer-te bela, distante e inacessível. Sem te importares, divertiste-te desde então a escancarar com des pudor a minha ridícula vaidade, o meu pretensioso arremedo. Lembro-me bem quanto a vergonha se fez rogada para me largar.

Hoje, aqui na margem aonde regresssei, não há metáfora que me empolgue, não há ilusão que me demova. Tão-pouco estética modelar que me arroube. Depois que me retrataste, e a ti mesma te revelaste falsa e supérflua, abandonei esse jogo azarado. Agora sou feliz. De nada tenho posse. De nada sinto desejo. Tenho tudo o que preciso. Aqui na margem.



Bonifrate

Que destino  
Que vontade  
Que plano  
Que acaso  
Que deidade

Te acendeu os olhos  
E iluminou o mundo?

Que segredo  
Que fantasia  
Que delírio  
Que intento  
Que energia

Te turvou a consciência  
E sonogou a realidade?

Que veleidade  
Que mando  
Que capricho  
Que crueldade  
Que fascínio

Te insufiou o desejo  
E mascarou o amor?

Que dinâmica  
Que irreversibilidade  
Que espaço  
Que tempo  
Que causalidade

Te dotou de fortuita memória  
E lhe inculcou tantas lacunas?

Que volúpia  
Que compulsão  
Que morbidez  
Que sujeição  
Que desdita

Te concedeu a breve vida insólita  
E te obrigará à inelutável extinção?

Estranha recorrência

Já não lembro de que sítio  
de que história  
ou em que dia  
é que apareceste  
O que sei é que cada ideia  
cada lembrança  
estão repletas de ti

E qualquer personagem  
me parece  
que és tu  
E as frases que diz  
usam as tuas palavras  
interminavelmente

E em todas as paisagens  
esvoaçam teus devaneios  
e todas as imagens  
sugerem o teu corpo  
sem qualquer pejo

E de tal maneira assim é  
que já não sei se sou  
se durmo ou imagino  
ou se porventura  
me aprisionaste  
no teu desvario  
infindo

Mais que um rosto  
(quatro quadras irregulares,  
jactantes mas ternas)

te decifrei  
em tudo que ninguém lê  
no que escondes  
sem já saberes porquê

no recôndito  
que teu olhar não visita  
onde tudo é dito  
sem que tu o entendas

na parte mais interdita  
que não podes penetrar  
na tua essência intangível  
todas as sendas percorri

te encontrei tão bonita  
apenas calei  
só porque gosto de ti  
te decifrei

### O jogo dos “onze lapsos”

Ao sabor do ignoto lapso  
É num lapso que vivemos  
E em lapsos nos sonhamos

Por mais que evitemos os lapsos  
Dos lapsos não nos livramos

Bastam ínfimos lapsos apenas  
Para cometer lapsos desmedidos

Muitos lapsos se tornam visíveis  
Mais lapsos sobram escondidos

Apenas por lapsos somos nós  
Em raros lapsos somos felizes

Ctrl Alt Del

Não contarás  
madrugadas  
cibernáticas  
de bits inquietos  
povoadas  
encontros secretos  
só de palavras  
troçadas  
arrufos e afectos  
Não contarás

Não contarás  
redes telemáticas  
telepáticas  
recados  
digitalizados  
segredos  
sussurrados  
sonos perdidos  
sonhos acordados  
fotões vigilantes  
enfim calados  
Tudo como dantes  
Não contarás

Não contarei  
internáticas  
noites geladas  
duelos e amuos  
cliques agitados  
escaldantes  
dick-rates excitados  
ansiedades  
emaranhando  
sites saturados  
Tudo virtual  
Não contarei

Não contarei  
meiguices  
pressentidas  
links partilhados  
nunca mais  
desirmanados  
ainda que errantes  
para sempre guardados  
na Rede caótica  
Tudo como dantes  
Não contarei

(cont./...

.../cont.)

Não contaremos  
como a máquina  
hodierna  
se humanizou  
terna  
na sua entropia  
colossal

Com inocência  
digital  
Sageza electrónica  
singular  
a tal subtileza  
cósmica  
que nos fez mutantes  
Tudo como dantes  
Não contaremos  
Ctrl Alt Del

## Estrela cadente

eras sorriso luz amanhecer  
entardecias longe triste mar  
choravas noite sonho solidão  
sofrias insone vago amanhã

ardia eu madrugada infinita  
inventando efêmero clarão

forjava teu brilho plena manhã  
e mais um dia fulgias bonita

nem me sentias nem me sabias  
era teu o dia veloz sorridente

para mim tão somente  
a noite eterna incendiada  
apenas pó fumo quase nada  
e minguada luz da alvorada

## Acasos intrínsecos

Cruzar-nos-emos nessas ruas apressadas e aturdidas. Nossos olhos se encontrarão por acaso, com indiferença urbana e curiosidade estética. Trocaremos até algumas palavras, poucas, de indiscriminada delicadeza automática, na multiplicidade dos estorvos por entre as turbas. Manteremos sempre a distância confortável de seres estranhamente reais, próximos nas afinidades, distanciados pela conveniente civilidade do contacto meteórico, desprezável, inexistente.

Encontrar-nos-emos na calma intimidade dos nossos refúgios, ao longo das noites de busca solitária, na conexão planetária digital. Nossos momentos se sobreporão por acaso, na profusão de presenças simultâneas dos incontáveis anéis internáuticos. Trocaremos palavras, ideias, gostos, vivências... atingindo a proximidade inquietante dos seres transcendentemente virtuais na caótica galáxia dos recursos temporâneos. Do intáctil encontro ficará a quimera de termos aberto um rasgo na solidão, talvez mesmo lançado uma ponte para a aventura passional.

Afastar-nos-emos gradual e ininterruptamente da inocência e simplicidade subjugados pela poderosa atracção animal que nos entregará ao imediato, frenético e pleno enlace, num instante tão memorável quão efêmero!

Progressivamente esqueceremos o espontâneo enlevo do encontro total e fortuito dos nossos mais íntimos sentidos.

Porventura seguiremos obedecendo ao instinto orgânico, na compulsão da espécie para prosseguir, apoiados pelos convenientes meios tecnológicos, assegurando a fugidia existência desta nossa incerta viagem solitária.

E o nosso tempo se esvairá sem complacência.



*TecnoExaustão*

Milhões de pixéis fervem nos olhos  
Enquanto a ventoinha da motherboard  
Ronca ronca ronca  
Qual ruído atoador  
No silêncio da madrugada

Os bits todos em unísono  
Clamam pela visita que tarda  
E que de novo há-de animar  
As suas rotinas programadas  
Gerando interacções infindas  
Só de pura lógica animadas

Turbilhão de electrões agitados  
Não se sabe já em que ruído  
De que silêncio foram gerados  
Nem até quem os escutou  
Ou em que minuciosa aurora  
Um enigmático designio  
Para sempre os animou!...

*Weblog*

Hoje, agora, ter-te-ei só para mim!  
Sim tu!  
Tu que neste momento lês estes alinhavos.  
Sim! Isto é contigo!  
Apanhei-te no meu ardil.

(Neste momento já saberás que é mesmo contigo)

E tu, que ao ires lendo farás parte da história,  
serás por um instante presa da minha teia,  
que para isso a teci.  
E terei o meu relâmpago de glória!

(nesta altura pensarás que, apesar de um pouco  
extravagante, isto não deixa de fazer algum sentido)

Isto é contigo!  
Sim, contigo! Continua...  
Ao te enredares na minha trama  
sentirás os fios invisíveis com que te envolvo,  
que para isso os urdi.

(neste momento sentirás um misto de estranheza  
e curiosidade que te leva a prosseguir)

Sim, isto é contigo! Apenas contigo.  
Atenta no que te digo:  
Tu, neste subtil encontro,  
és o meu momento de partilha!  
Não por orgulho, honraria ou rendimento,  
mas porque não mais deixarás  
de transportar um pouco de mim.

(aqui talvez penses que isto será presunção,  
mas não vais com certeza interromper)

Não pela teia que seja minha pertença,  
pelos fios que fabriquei, por pompa  
ou leviandade que te ocorra imaginar. Não!  
Menos ainda pelo desejo de te influenciar.  
Porque tudo isso nada me interessa!

(cont./...

.../cont.)

(neste ponto já não sabes bem onde isto irá parar,  
mas queres ler rápido o desfecho)

Sim, podes ter a certeza que isto é contigo!  
De que foste um alvo afinal.  
Porém, o que ainda te prende aqui  
é puro logro simplesmente.  
Uma expressão de falsidade que forjei  
para supores que não estás só.  
Que porventura não estamos sós!  
E essa é enfim a grande ilusão...

(aqui sentirás um pouco de contradição,  
mas é tudo tão simples ao fim e ao cabo)

É! Isto é contigo!  
Tão-somente contigo.  
Sossega... depressa te libertarei,  
porque te vou dizer finalmente  
a cristalina verdade: não há fios,  
não há teia, não há nada. Nada!  
E tu: nada és. Nem te conheço!...)  
O que aqui encontras sou eu,  
apenas eu. Eu que me teço,  
eu que me prendo, eu que me desvendo...  
Apenas eu e eu só. Nada mais.  
Se tanto!

(aqui, para provares que existes,  
deixas o teu comentário que improvavelmente lerei...)

Mefistofélico voyeur

Eu sou o que espreita as vossas fainas  
Desvenda como traficais o corpo e a alma  
Pela miserável fatia que vos há-de caber  
Como estiolais a razão de inveja hedionda

E ouço no esconderijo da noite eterna  
Os vossos brados mudos  
Infelizes

Eu sou o que espreita os vossos prazeres  
Acaricia os vossos corpos sedentos e febris  
Amima todas as vossas obscenas egolatrias  
Admira fascinado a vossa indecorosa vaidade

E na escuridão da noite obscura  
Desvendo as vossas infames ambições  
Soberbas

Eu sou o que espreita os vossos leitos  
Penetra nos vossos mais sórdidos sonhos  
Excita as vossas mais íntimas tumescências  
Alimenta os vossos mais lúbricos desejos

E no silêncio da noite dissoluta  
Ouço os vossos sussurros  
Lascivos

Eu sou o que espreita os vossos enredos  
Aplaudes as vossas mais grandiosas presunções  
Escancaradas em patéticos simulacros  
Exibindo-vos uns aos outros sem cessar

E na intrepidez da noite errante  
Contemplo os vossos odientos esgares  
Civilizados

Eu sou o que espreita os vossos afectos  
Lê os vossos mais dissimulados segredos  
Descobre o desprezível terror que vos habita  
De que alguém pressinta o que engendrais

(cont./ ...)

.../cont.)

E na escura noite absoluta  
Surpreendo as vossas reles actuações  
Hipócritas

Eu sou o que espreita a vossa consciência  
Na reveladora noite sublime

E pelo belo que já não sabeis  
Por tanto horror  
Pela inocência que ignorais  
Por tanta perfídia  
Pela simplicidade que arruinais  
Por tanta impostura

Espumo de júbilo e encanto  
E para que acordeis para mais labuta  
Lanço um uivo desumano  
A rasgar as trevas  
A ecoar  
A ecoar  
A ecoar  
A ecoar  
A ecoar  
A ecoar  
...  
A ecoar  
...  
...

## Lengalenga dos outros de nós

Às vezes  
Nos outros nada de nós  
E nada em nós dos outros  
Estranhamos  
Tão longe estamos

Às vezes  
Somos os outros e nós  
E nós e os outros somos nós  
Agrupamos  
Tão perto estamos

Às vezes  
Nem nós nem os outros  
Nem somos nem acreditamos  
Cismamos  
Tão profundos estamos

Às vezes  
Com os outros não somos nós  
Ou sendo nós somos outros  
Complicamos  
Tão lúcidos estamos

Às vezes  
Rodeados de tantos outros  
Com tantos de nós em volta  
Silenciamos  
Tão sós estamos

### Modinha da perdição

Se tudo aquilo que é  
só o que há-de vir dirá o que foi  
Se as paixões que tive um dia  
só o presente me diz  
o que era então que eu sentia

Para quê desejar perceber  
a embriaguez de te adivinhar  
e este doce pânico de te ter

Só quero viver o agora  
sem entender nem cogitar  
e entregar-me sem demora

E um dia se há-de pôr a nu  
o amor tanto que tive  
pela que pensei que eras tu

1bigo de 7 mega ( $10^6$ ) pixéis  
(Quadra ao gosto popular)

fosse todo o meu castigo  
esse teu narciso ser  
fosse o ser assim contigo  
todo este meu viver



## Reconhecimento volatilizado

Para além dessa inquieta  
incerteza quântica  
teu sorriso franco  
meu sossego  
adormeço  
te sonho  
enfim  
feliz

Breve praia

E então as ondas  
De impeto improvável  
Desfizeram-se revoltas sobre a areia  
Espraiando-se longamente

Alcançaram as concavas pegadas  
Desfazendo os vestígios  
Que teus pés desnudos deixaram  
Na memória dessa tarde

O vaivém de todo o mar  
Levou consigo os teus passos

Agora já nada de ti resta na praia  
E na areia já não há marcas

Só a lembrança da praia  
Só a murmúrio do mar

## Anima II

Transportaremos desde sempre essa compulsiva auto-estima de sobrevivência que nos faz maus juizes e péssimos conhecedores das nossas vaidades, virtudes e de todas as atitudes outras.

De quando em quando, ainda que indesejada, uma qualquer melancolia nos sucede e a auto-estima adormece. É nessa obscuridade que sabemos mais claramente o irrisório "eu", os estranhos "outros" e a incongruência da "vida" que forjamos para vencer os dias.

Quando o ânimo nos redescobre soam então sem sentido os pensamentos ensombrados. Prosseguiremos então viagem sonhando egos convictos, imaginando vidas amplamente justificadas, ansiando futuros auspiciosos e sorridentes...

Assim tem de ser.

Que amor?

Que foi feito daquele beijo  
Que então era inesquecível  
E mudaria a vida inteira?

Que paisagens se quedaram  
Desse olhar de espanto?

Onde se equilibra agora  
Aquele corpo acrobático?

Onde pousarão aqueles lábios  
Que tumefactos de desejo  
Sorriam felizes só por viver?

Que foi feito daqueles dias  
Em que te amaste?

Que lágrima te adormeceu?

## Pausa

Esvai-se a noite  
Onde tudo é possível.  
No despertar da cidade  
Já a facilidade se evola  
E o dia se apressa indiferente.

E todos os esforços  
Inglórios se repisam  
E as esperanças se toldam.  
Rugem os mandos  
E as ideias se esfumam.

Há um pequeno hiato  
Na pausa possível  
Dos passos moídos  
Em que a noite volta  
E é então que o dia sorri.

### Haiku

Da imaginação  
Nasce hialino o irreal  
Num belo clarão!

A Jorge Luís Borges

Quem sabe, haverá uma incongruência em tudo isto!  
Ainda há pouco algum deus excêntrico nos colocou aqui  
para que a decifrássemos.  
E os vãos da memória que a todos nos instalou se revelarão  
nítidos quando, desvendada, essa incongruência nos aparecer  
evidente...  
Quem sabe, essa incongruência somos nós!

Real

Cai o sono  
Sobre o dia rápido  
Trazendo esquecimento  
E sonho

Partida para estranhos  
Universos  
Sempre velados

É certo  
Que o dia trará  
Seus resquícios  
E sono e sonho  
Viverão nos dédalos  
Do que chamamos  
Real



## O Poliedro de Descartes

Por entre dúvidas e conjecturas  
abordámos a pirâmide mais colossal.  
Com desconhecimentos e estranhezas  
escalámos o mágico hexaedro,  
carregados de inúmeras incertezas,  
de bastas esperanças e algum medo.  
Subindo, subindo,  
o pulso bem apressado,  
acreditando em pretensas virtudes,  
usando velhas e novas sabedorias  
no nosso andar esforçado.  
Empregando todas as energias,  
insistindo, insistindo,  
fomos sempre subindo  
o conciso poliedro encantado.  
Numa porfia sem fim, já magoados  
pelos dias, pelos anos estafados,  
pensámos: o sossego talvez exista  
quando ao fim do cume chegados.  
Não sabendo nada ao certo,  
existindo, subindo.  
Ao fim de tanto labor malogrado,  
já sem fôlego e pouco ânimo,  
fez-se nítida a finda intersecção  
das seis arestas no topo almejado:  
última, desbotada, inútil, vulgar,  
malparecida, envolta em solidão.  
Apenas um triste ponto no topo.  
Que sortilégio nos fez aqui chegar!  
Destroçados com tal decepção,  
corroídos de cansaço e desalento,  
a angústia foi dilatando sem parar.  
Para nada... não há nada...  
No cume não há nada!  
De repente, após um unísono lamento,  
um de nós eleva-se sozinho no ar  
e, qual ser alado, desata então a voar.  
E um após outro, descontraidamente,  
numa plena vontade unânime,  
todos nos lançámos no espaço.  
E em círculos pairamos contentes,  
por sobre a penosa pirâmide.  
O que avistámos era um outro mundo.  
E já não era o gigante a vencer,  
já não era nem sequer a utopia:  
era uma simples poliedro lá no fundo...

De consciências voláteis, deixámos o lugar.  
Ao longe, envolto em nuvens macias,  
impunha-se, magnético, robusto, irrecusável,  
um belo heptaedro ainda por desvendar!

Mística forma

Busca ateadamente  
A proporção divina.  
Figura transcendente  
Além do que imagina.

Em filigrana luzente,  
A forma lhe aparece,  
Essencial e urgente.

O tempo se revela  
No espaço universal  
E a imagem tão bela  
Exibe o saber total.

...

Já finda a madrugada  
Eis que a manhã de repente  
Trai a forma encontrada.

Mostra-se agora banal,  
Oca, absurda, inconsistente.  
Não mais que nada afinal!

## Crença

Habitará essa déspota para sempre  
Na indelével cela da memória.  
Inquietante, mágica, atraente  
Certeza meramente ilusória.

Dissipou teses bem elaboradas  
Com deslumbrantes e firmes leis raiosas.  
As suas excelsas línguas veneradas  
Despedaçaram lógicas teimosas.

Forjou inefáveis, gratas harmonias,  
Baniu a dura norma duvidosa,  
Tangeu as mais eternas melodias.

Vive, alojada em todo o instante,  
Arrebatada, falsa, pegajosa,  
No nosso pobre senso ignorante!

### Caprichos do tempo

Há um singular eco dos nossos passos, estrondosamente irreal, na noite dessa praça deserta. Contudo, essa estranheza, existindo para além dos nossos pés, toma mais relevância que o som dos nossos próprios passos.

Quando paramos para reflectir, o silêncio apodera-se, eloquente, da praça deserta.

Daqui a algumas horas, poucas, todo o recinto se mostrará irreconhecível com a inevitável multidão que preencherá os espaços e tornará a praça verosímil.

*Tempus incognitum*

O tempo que se enrola e desenrola  
Que gira e rodopia  
Que voa  
Que se mata e engana  
Que passa e nunca mais passa  
O tempo que não espera  
E desespera

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que se faz  
Que bate e rebate  
O tempo que não perdoa  
E os presságios que traz  
Que nos entretece e desenlaça  
Que se conta  
E desconta

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

E o tempo que não se tem  
Que não começa nem acaba  
Que tem lembranças  
E que se marca e desmarca  
O tempo em que tudo se passa  
Que muito dura pouco  
Que pouco dura muito

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que demora  
Que mete medo  
Que há horas más  
E uma espera sem tempo  
O tempo que é o rei de uma farsa  
Que nos mantém a todos cativos  
E ninguém dele se escapa

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que toca e repica  
O tempo que roda  
E é retrógrado  
Mas nunca pára  
Que indiferente nos ultrapassa  
Que se perde  
Que se busca

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

(cont./...

.../cont.)

O tempo que é veloz  
Que é tão lento  
E de que se corre atrás  
Que é relativo  
E com o espaço se entrelaça  
O tempo que tem brumas  
Que se sonha

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que se precisa  
Que tudo cura  
Que ganha pó  
Que pesa  
E que a memória despedaça  
Que é inodoro e incolor  
Que não se apalpa

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

E o tempo que falta  
Para o momento sem tempo  
O tempo que é curvo  
Persistente e obscuro  
Que nos emaranha e embaraça  
O tempo que se mede  
Que encurta e dilata

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que se soma  
Que é mudança  
Que foge  
O tempo que é incólume  
Que ataca e a tudo e todos dá caça  
E que tudo devora  
Até já não restar nada

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que não existe  
Que é abstracção  
Que marca ritmos  
Que traz saudade  
Que todos acompanha e enlaça  
Que é um ápice  
E uma eternidade

(cont./...

.../cont.)

Ao fim ao cabo é uma trapaça!

O tempo que é o mais sábio  
Que todos tememos  
Que todos respeitamos  
O tempo que é transparente  
Que se comprime e se espaça  
Que é mágico  
Invisível e transcendente

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo... O indecifrável mistério  
Que tudo conhece e tudo abraça!

Ao fim e ao cabo  
É uma trapaça!...

Dia único  
Certo amanhã

Cai a tarde no silêncio das ideias  
Que viscosamente deslizam  
Ao longo do tempo estático  
Derramando-se sobre as mentes inquietas

Anoitece devagar na sinfonia do pensamento  
Pouco a pouco vão-se revelando as estrelas  
Que o universo insondavelmente engendrou

A noite majestática ilumina o devir  
Nascido das ideias germinadas  
Pela inteligência das mentes inquietas  
Que se apaziguam cogitando nos arcanos

Já o esplendoroso astro se acordou  
E o dia único e indeterminável  
Se manifesta mais uma vez idêntico

Imperceptivelmente transporta já  
Na sua persistente decorrência  
No ritmo caótico das mentes inquietas  
As sementes do eterno e certo amanhã



## Axioma

procurei-te na alba na luz no célere dia  
na penumbra no fugaz entardecer  
procurei-te nas trevas na longa noite fria  
na vigília e no sonho te procurei

esquadrinhei a vastidão febril  
das vastas cidades enlouquecidas  
e a penosa prostração senil  
de aldeias tristes empobrecidas

do faustoso ao indigente eu inquiri  
do velho céptico ao crédulo inocente  
a tudo e a todos perguntei por ti

indaguei até ficar fraco e dormente  
e quando exausto do meu fito me esqueci  
foi então que surgiste resplendente

Instante

Neste fluido presente  
Onde futuro e passado  
Se diluem na mente

No breve instante  
Já decerto sustentado  
Por mais um antes

A circunstância engendrou  
Um outro futuro  
Que o passado não revelou

Passado, futuro e presente  
Tudo ora e aqui, iminente

Este agora, este latejo  
Tudo contém  
Toda a palavra, todo o gesto

E qualquer resto  
É além!

Para além deste *sempre-agora*

Um clarão qualquer  
Onde este eterno presente  
Se revelasse real

E aí saberíamos ao menos  
Que existimos  
Para além deste *sempre-agora*  
De lógicas e memórias evanescentes  
E outras virtudes do viver  
Que tecem o nosso mundo  
Com exacta medida  
Ao sabor do caótico prodígio  
Que ordena cada pulsar

Como se um raio do *sempre-agora* exclusivo  
Iluminasse num lampejo o embuste

## Rio antigo

Caminheamos ao longo deste rio sem nome como se ainda existíssemos juntos. O tempo, na sua inabalável senda, foi transformando as margens ancestrais que se tornaram quase irreconhecíveis. No entanto a água ainda brota naquele mesmo ponto, nas serranias sem nome, onde irrompemos, juntos, nessa manhã remota que jamais se apagará.

Sim, caminheamos ao longo deste rio já antigo. Ouçamos no seu murmúrio encantado os silêncios e alaridos que escutou, as intempéries e bonanças por que passou. Escutemos... Sim, em breve se derramará nesse imenso oceano sem nome onde um dia, juntos, fomos titãs.

Brota o imparável ímpeto dessa corrente lutando contra as margens sólidas, materiais. A massa líquida, rebelando-se, exprime toda a sua excelência. Fluindo, já apaziguada, virá ao encontro deste lugar perfeito e verdadeiro em que um dia, juntos, sonhámos o mundo.

Misturam-se os nossos passos, como se ainda caminhássemos juntos, ao longo deste rio antigo no entardecer tranquilo deste dia que a memória para sempre esculpirá.

Faz-se noite e o rio é o reflexo da infinidade de astros que dão a luz ao nosso caminho. Como se ainda estivéssemos juntos, sentimos simultaneamente um arpejo pela frescura que desceu sobre todo este imaginário.

A noite continua imperturbavelmente bela. O rio parece nem sequer deslizar. Lá no alto, reluzindo, como se ainda existissem, miríades de milênios nos escoltam! Serenamente, como se ainda estivéssemos juntos, sorrimos aos primeiros sinais de um novo amanhecer.

## Tempo no presente

Um dia autêntico  
perfeito

Passos ao longe  
vejo já  
um vulto

Enche a rua inteira  
branca  
na tarde  
azul

A claridade que leva  
ofusca  
o tempo  
que foge  
assustado

Pergunto o passado  
sumiu  
procuro  
o futuro  
ninguém  
jamais viu

Roça chanca no lajedo  
escuto  
o momento  
que brota  
pleno  
grita  
sou eu

Acordo sonho desfeito  
nem lajedo  
tarde  
rua  
ou tempo  
nada  
apenas  
um vulto

era eu que... já não sou!

Uma cor

Na fantasia que difusamente espirala  
Uma cor persistente se apodera  
Dos invisíveis fios de uma teia

Bela e atraente  
Uma cor

A teia ténue e pontilhada  
Dilui-se a pouco e pouco na cor

...

Eis que uma imagem opaca e brilhante  
Paira já dentro da noite

Depois a cor desfalece  
E de repente a teia se estilhaça  
Nos incontáveis detalhes  
De uma ideia

## Partida

Tuas mãos alvas repousam  
Tranquilas sobre o regaço

Nos olhos o pensamento  
Longínquo  
Impossível  
Taciturno

Teu corpo frágil  
Sumido pelos anos  
Conserva a nobre pose  
Da vida cristalina  
Que tristemente  
Se despede

Teus gestos puros  
Ficarão ondulando  
Eternamente  
Em volta de todos nós

## Nostalgia

E depois  
há esta nostalgia  
para além dos dias  
para além dos anos

A súpula de uma vida  
Momento de contacto  
tão inefável quão fugaz  
com o todo do todo  
Uma inaudita união  
cujo momento e lugar  
jamais se esquecem

Há esta nostalgia  
para além dos anos  
para além do tempo  
Esta doce nostalgia  
plena de nexos e afeições  
Tudo a brotar no agora

Porta entreaberta  
para uma improvável  
consciência verdadeira

Um universo difuso  
na solidão desejada  
desta tarde a cair amena

Nesta existência distante expatriada  
no silêncio enternecido  
depois de uma despedida apressada

Eis senão quando  
Se funda outro sentido



## Dealbar

Há nestas alvoradas, já a mais de meio roladas, no vapor do Inverno que brevemente partirá, no som sincopado do dia a começar renitente, no corpo enxuto para o fato de arlequim, uma lembrança, um presságio, um aroma, uma ideia, uma intuição qualquer de que já fui, de que serei, de que nunca sou...

Já de todo liberto dos vestígios do sono breve, quando enfim aprontado para todos os palcos, um último relance no espelho da entrada devolve-me uma vaga imagem de arlequim, uma mancha, um esboço, uma ideia, uma intuição qualquer do que nunca fui, do que nunca serei e do que todavia sou...

*Al-Buahar* (Castelo do mar)

E no claro hoje ser  
Nas voltas das ruas arábicas

O tempo a derreter

O passado quase ileso  
Na pedra nua calçada ancestral

Liberto o passo fácil adeja

Por entre alvura tranquila da cal  
Antevisto horizonte flameja

E o mar calmo e tão perto

Memória de fim de tarde

Os entardeceres  
Que a meia-luz do entardecer traz  
Tornam-se suave memória  
De sucessos distantes

A irrealidade que paira  
Afasta-se vertiginosamente  
Do momento

As reminiscências evaporam  
Para depois  
Instantes depois  
Se repetirem  
Na certeza de uma lembrança

Se repetirem  
Na emoção de uma pertença

Se repetirem  
Sobressaindo no enleado fio da meada

Se repetirem  
Numa última toada fatalmente banal

Impossível reprimir  
Um sorriso final

Mass media

De um estrondo  
    Se fala  
Era ensurdecedor  
    Se fala  
Todos viram  
Todos ouviram  
    Todos falaram  
Do grande estrondo-notícia

Um estrondo  
    Se diz  
Era um estrondo-notícia  
    Todos souberam  
    Todos falaram

Do estrondo que foi estrondo  
    Ninguém ouviu  
    Ninguém viu  
    Ninguém falou

Parece até  
Que nem soou

*Antropoexcêntrico*  
(Oito quintetos doutrinários)

Resta-nos este apego  
A certas ideias de tudo  
Que sentimos vãs  
Mas que quase iludem  
A certeza do absurdo

Resta-nos esta distância  
Das turbas desesperadas  
Que sentimos próximas  
E que de longe se mostram  
Só na aparência irmanadas

Resta-nos este veredicto  
Que sentimos final  
De sabermos o homem  
Um ser em absoluto  
Insipiente e mortal

Resta-nos este enredo  
Que sentimos irreal  
De um destino ímpar  
Jamais impoluto  
Fatalmente original

Resta-nos esta energia  
Que sentimos vital  
E que sublime nos permite  
Esta incoerência fugidia  
Num hiato casual

Resta-nos este tempo  
Que sentimos permanente  
Insensível seguimento  
Incessantemente erosivo  
E porventura inexistente

Resta-nos esta memória  
Que sentimos escapar  
Continuamente entretecendo  
Pretérita trama ilusória  
Impossível de completar

Resta-nos enfim este lamento  
Que sentimos universal  
Por tanta e tamanha cegueira  
Por tão insensata viagem  
Possa ela ser ou não real

### Bater de asas

Ainda há pouco o alvo esplendor de um pássaro  
pousou sobre a elegância do teu jovem ombro nu  
Os teus sonhos não quiseram que a sua rara beleza  
se tornasse presente à inocência do teu olhar

Recordo o momento em que a ave estremeceu  
e num surdo bater de asas se elevou no ar  
Quando deixei de a ver o teu alvo cabelo voou  
O teu decrépito corpo mirrado desfez-se em pó  
E um vento silente de um só sopro o levou

Coragem!

Que lembrança deste dia restará,  
Que incerta memória o guardará?

Que futuro deste dia necessita,  
Como será então este passado?

Nem passado, nem futuro,  
Agora, agora já!  
Encontremos os gestos verdadeiros,  
Inventemos as palavras necessárias

Neste dia único e distinto  
Onde já o presente é imutável,  
Em que já o futuro se renova!

Coragem!  
Que a torrente é imparável.

## Humana Clausura

Perceberás por certo  
Um universo teu,  
Um mundo exclusivo  
Que te é permitido  
Vislumbrar.

Mais além, onde talvez viva o real,  
Não penetrarás jamais.

Entreverás dúvidas que ardem  
Mais além dos mil sóis,  
Pressentirás seres que viajam  
Estranhos à tua sensibilidade  
Singular.

Limitado à tua condição  
Perceberás a sujeição do teu ser!

Porém, a plena consciência  
Da tua limitação essencial  
Te irmanará, assim mesmo,  
Ao que nunca te será dado  
Conhecer...



Certeza nenhuma

Certeza nenhuma  
Nem sequer  
Este momento  
Que já partiu  
Para o lugar  
Dos infinitos momentos  
Aparentemente esquecidos  
Onde repousam

Bem vivos porém  
Que o devir  
Deles se socorre  
Para vicejar o tempo  
Que o presente interpõe  
Para que soe a realidade  
Uma ideia qualquer  
Certamente inútil

Certeza nenhuma

## Ideal

Não peço mais que uma serena madrugada  
Em que te debruces sobre as ruas a sorrir  
E amanheças transparente e suave  
Num frémito de forte vontade iluminada  
A acenar à equidade dos dias a porvir  
E que o teu sorriso contagie toda a cidade  
E o meu cansaço encontre enfim uma morada

Imponderável ente

Ficará esse eco interminável  
De universo em universo  
A clamar a abstracção  
Que casualmente fomos

Ficará essa vaga incerteza  
De primórdio em primórdio  
A repercutir a estranheza  
Que supostamente habitamos

Ficará esse estridente grito  
De pensamento em pensamento  
A bramir a desmedida ignorância  
Que contra a vontade carregamos

Ficará essa eterna madrugada  
Onde ressoarão nossos passos  
Num sobrado inconsistente  
De uma silenciosa morada

E do que ficar  
Não ficará nada!